

JT
6/4/98
PALETA & 77
1-ALISA

RORAIMA RETOMA A VELHA ROTINA



J. Pavani/AE

Nem técnicos da ONU na região impedem queimadas (na foto, casco de jabuti) feitas por pequenos agricultores. Pág. 14A

ÍNDIOS 'GIGANTES' EM SP. COM EXPOSIÇÃO E LIVRO

Eles estão na cidade para a inauguração da exposição de fotos e o lançamento do livro. Ontem foram ao Zôo. Pág. 15A

CLASSIFICADOS: DOZE PÁGINAS DE OFERTAS E OPORTUNIDADES

jornal da tarde

Segunda-feira, 6 de abril de 1998 Número 10.088 Ano 33 R\$ 1,00

OS DIREITOS DE UM INADIMPLENTE

Código do Consumidor protege contra formas abusivas de cobrar dívidas. Pág. 10A

LEI AMBIENTAL PROÍBE MEXER NO ZONEAMENTO

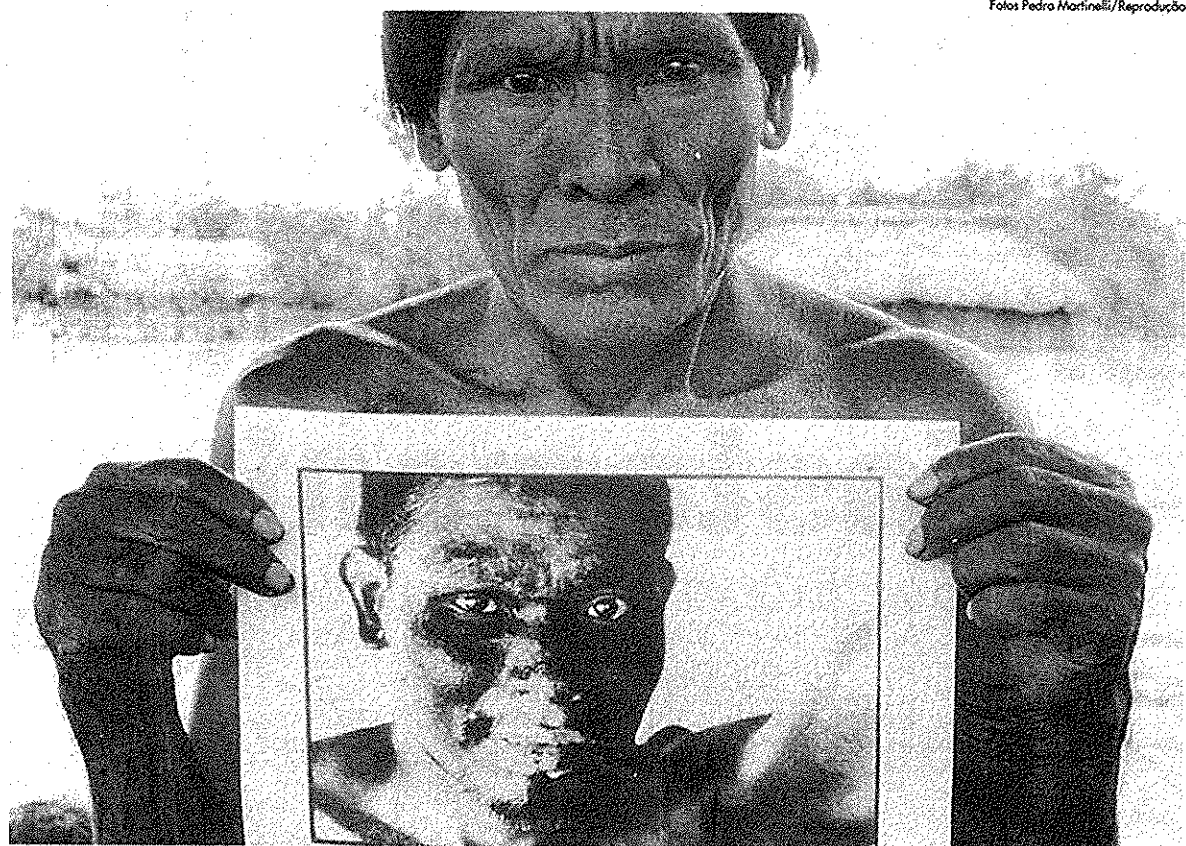
Em vigor há uma semana, seis artigos da Lei de Crimes Ambientais punem com multa e prisão o desrespeito ao zoneamento, seja pela construção de edifícios acima dos padrões, seja pela instalação de corredores comerciais em zonas residenciais. As Operações Interligadas, suspensas por decisão judicial, poderão ser proibidas. Pág. 13A

ESPORTES

O EMPATE

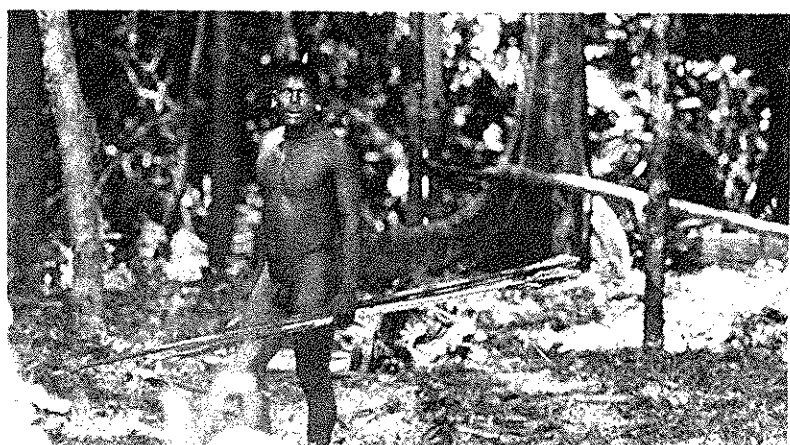
6/4/98
277

15-A cont.



Fotos Pedro Martinelli/Reprodução

Sôkriti Panará, em dois momentos: 25 anos depois da descoberta da tribo



Sôkriti: o dia do primeiro contato



Kenkiãma Panará: foto de 1995

RETRATOS DE UMA TRAGÉDIA

Fotos feitas por Pedro Martinelli registram perda do patrimônio humano do País

A exposição *Kranhacãrore-Panará* narra um dos mais tristes episódios da história recente do País: a saga dos panarás — misteriosos índios gigantes que tanto excitaram a imaginação dos brancos e quase acabaram dizimados pela febre e pela diarreia. As fotografias da mostra, de Pedro Martinelli, foram feitas num intervalo de 25 anos. No primeiro bloco estão imagens captadas entre 1970 e 1973, durante a expedição que levou ao primeiro encontro com os panarás.

Quando os índios decidiram fazer contato com o grupo de Cláudio Villas Bôas já estavam morrendo feito moscas. Mas as primeiras fotos de Martinelli ainda revelam homens átvios, magníficos, como o índio Sôkriti. “Eu nunca me esqueci desta imagem”, diz o fotógrafo.

Vinte e cinco anos depois, graças ao pedido do Instituto Socioambiental — ONG que apóia os panarás —, ele voltou a fotografá-lo, simbolicamente segurando o retrato feito há mais de duas décadas.

Além de Sôkriti, Martinelli conseguiu identificar apenas dois outros sobreviventes entre os membros da tribo transferidos para a reserva do Xingu e que errou sem rumo por anos até reconquistar uma parcela das terras. “Foi um momento emocionante e triste. Ele era apenas mais um caboclo.”

Apesar de considerar a história dos panarás o grande trabalho de sua vida, Martinelli acredita que os eventos em torno da tribo são apenas um gancho para mostrar o que o País conseguiu fazer em 20 anos para destruir seu patrimônio humano.

Recentemente os panarás tiveram uma grande vitória. Tornaram-se a única tribo brasileira a ganhar uma indenização por perdas e danos do governo federal. Mas sua trágica história, contada no livro *Panará, A Volta dos Índios Gigantes*, de Ricardo Arnt, Lúcio Flavio Pinto e Raimundo Pinto — que também será lançado hoje no Sesc — não significa que estejam protegidos. O território dos panarás está cercado por fazendas e garimpos e seu rio está contaminado pelo mercúrio.

Maria Hirszman

Kranhacãrore-Panará — Exposição de fotos de Pedro Martinelli, no Sesc Pompéia (R. Clélia, 93, tel.: 3871-7777). De terça a domingo, das 9h às 21h30. Até 3/5. Abertura hoje, às 18h, para convidados. Na ocasião será lançado o livro *Panará — A Volta dos Índios Gigantes* (168 págs., R\$ 35).

“ SÓ COM A MARCAÇÃO PODEMOS FISCALIZAR O BRANCO ”

(Do cacique Akã)

Índios ‘gigantes’ visitam SP e ganham exposição e livro

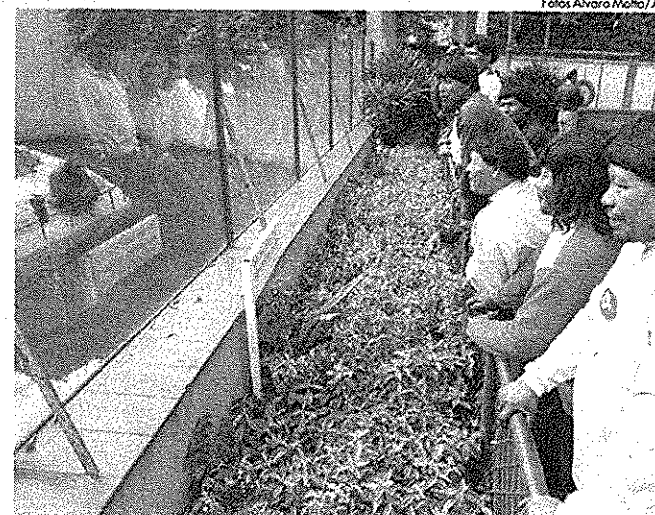
EM PASSEIO NO ZOOLOGICO, PANARÁS PEDEM DEMARCAÇÃO DE TERRAS

Há quase 30 anos uma expedição percorria a Serra do Cachimbo, no Pará, em busca dos temidos índios gigantes, uma tribo que havia sido avistada por sertanistas em 1949 e impressionado pelo tamanho de seus homens, que teriam mais de 2 metros de altura. Ontem, crianças que visitavam o Zoológico de São Paulo pela manhã se divertiam ao ouvir o cacique Akã falando para outros 11 membros da tribo Panará (que, agora se sabe, não são nem gigantes nem perigosos).

Os índios estão em São Paulo para o lançamento do livro *Panará — A Volta dos Índios Gigantes* e da exposição de fotos *Kranhacãrore — Panará* (leia reportagem ao lado). A passagem pela cidade transcorre no intervalo de dois encontros com a Fundação Nacional do Índio (Funai), o primeiro realizado na semana passada em Cuiabá

e o segundo marcado para quarta-feira, em Brasília. Os 12 panarás vão se reunir com o presidente da fundação, Sulivan Silvestre, para pedir a demarcação de suas terras.

“Queremos que a Funai pelo menos delimite a área indígena”, explica o cacique panará Akã. “Só com a marcação poderemos fiscalizar os brancos que invadem a região com suas máquinas, extraindo mogno.” Situada entre o norte de Mato Grosso e o sul do Pará, a aldeia dos panarás ocupa uma área de 495 mil hectares, identificada pela Funai em 1994 e até hoje ain-



Panarás no zô: “Índio gosta de bicho para caçar e comer”



Crianças param para conversar com os índios: interesse

da não reconhecida. O processo de delimitação, que já passou em primeira instância, agora tramita na segunda. “Acho que isso ainda leva uns quatro, cinco anos para sair”, diz o indianista André Villas Bôas, do Instituto Socioambiental, ONG que coordena a visita a São Paulo.

No ano passado, numa sentença inédita no Brasil, a Justiça condenou o governo federal a indenizar os panarás pelas mortes e danos culturais causados pelo contato que a tribo teve com os brancos, na década de 70. Nessa época, foi

construída a estrada Cuiabá-Santarém, que passava pelo território indígena. O contato com os brancos, por conta das obras, foi fatal: epidemias de gripe e diarreias praticamente dizimaram a população. De 400, restaram 79 índios. Os que sobreviveram foram transferidos, em 1975, para o Parque do Xingu, a 250 quilômetros da aldeia. Só no começo dos anos 90 a história começou a melhorar, com o processo de retorno para suas terras. Hoje 200 índios panarás vivem lá, à espera da demarcação.

Na visita que começou às 9h e terminou às 11h30, os 12 índios panarás percorreram o zoológico e viram elefantes (“Esse é bom de matar para comer”, disse o cacique), leões, zebras, ursos, hipopótamos, antas, macacos e camelos, entre outros bichos. Ficaram fascinados com os macacos. Mas o animal que chamou mais a atenção foi o jabuti gigante. Explica-se: fígado de jabuti é a caça preferida deles. “Índio gosta de bicho para criar, caçar e comer. É por isso que a gente precisa de terra”, explica Tokokian Panará.

Depois de posar para fotografias, ser saudado por um grupo de escoteiros de São José dos Campos com o grito “Grato, grato, gratíssimo!”, tomar suco de caju de caixinha, fumar bastante e pedir para comer bolo, os índios panará deixaram o zoológico para “conhecer as ruas e os carros de São Paulo, além das garotinhas”, como brincou Kiompi Panará.

Graziella Bering